

SRB4
PE 113 ex 14
62/12/21
O Estado de São Paulo

O Estado de S. Paulo - 21-12-1962

O escritor Fernando de Azevedo e a Academia Paulista de Letras

Do escritor e prof. Fernando de Azevedo recebemos o esclarecimento que a seguir reproduzimos, sob o título "Depoimento que faltava", a propósito das suas relações com a Academia Paulista de Letras. Neste depoimento, refere-se o ensaísta de "A Cultura Brasileira" a uma carta do escritor Aristêo Seixas, presidente da referida Academia e que foi oportunamente divulgada por esta fôlha. Com a publicação do depoimento do prof. Fernando de Azevedo, considera esta fôlha, por sua parte, encerrado o incidente.

DEPOIMENTO QUE FALTAVA

Procurei guardar até este momento a atitude que tomara, de absoluta discrição e reserva relativamente à decisão do presidente da Academia Paulista de Letras de considerar vaga a cadeira para a qual fui eleito, e de abrir inscrições para nova eleição. Como não disputei nem solicitei a cadeira que me foi oferecida, não podia nem devia sair a público para pleitear direitos quando ela me foi negada ou passaram estes a ser discutidos. Para a cadeira n.º 35 fui eleito, ao que me informaram, por aclamação, sem ser candidato, sem me haver inscrito ou ter batido à porta de quem quer que fosse para rogar apoio à indicação de meu nome.

Depois que a 31 de agosto do corrente — já decorrido um ano da data de minha eleição — recebi a insolita carta, em que o presidente dessa Academia me comunicara a referida resolução e o seu firme propósito de pô-la em prática "sem mais delongas, e sem qualquer consulta à Casa", senti logo que o problema não era meu, era da Academia. A ela competia decidir: reafirmar o voto àquele que elegeu, na sua "livre e espontânea vontade" ou voltar atrás, amparando o presidente na sua desabusada resolução. Não me dirigi a qualquer dos academicos, para que viesse em apoio ao "seu" eleito, nem dei entrevistas a quaisquer jornais ou revistas que puseram o maior empenho em obtê-las.

Esse silêncio não cheguei a romper, nem mesmo em face de declarações, inteiramente falsas, do presidente — ambas ao "Diário de S. Paulo" — quando avançou ter ele tomado a sua decisão diante do meu desinteresse pela Academia e haver eu insistido em tomar posse logo por ter de fazer uma viagem ao Japão. Mas, em primeiro lugar, o meu "desinteresse" era tal, de tamanha indiferença e descortesia que um mês (atente-se bem) um mês depois de minha eleição já estava com meu discurso redigido e, quatro semanas após aquela data — na primeira de outubro, já submetia à apreciação do presidente, em obediência aos Estatutos, a mencionada oração, que aprovou com entusiasmo, exceção feita de uma única página, na qual falava eu da falta que me fazia a ausência das mulheres, escritoras e poetisas. Em segundo lugar, nunca aludi, por telefone ou em sua casa, a viagem ao Japão. Essa viagem que me seria tão grata, jamais estive em minhas cogitações. O que lhe solicitei, foi simplesmente que, marcasse a data de minha posse para que eu pudesse marcar a de minha operação. Delicada operação em um dos olhos. O presidente que dizem estar surdo, tomou "data de operação" por viagem ao Japão...

Preferi conservar-me calado. Não gostaria de entrar numa disputa em que se envolvia meu nome e surgiam, para meu conforto, na imprensa paulista, durante quase três meses, manifestações tão espontâneas quanto calorosas. De um historiador eminente, como esse grande Sérgio Buarque de Holanda que rompeu o movimento de opinião logo que foi divulgada sua altiva e primorosa carta ao presidente da Academia; de um Cassiano Ricardo, um dos maiores poetas contemporâneos da língua portuguesa, cuja atitude foi um exemplo de dignidade, justiça e independência, e tão generosa para comigo; de um Luís Martins, admirável cronista, em que o homem rivaliza com o escritor e a inteligência nunca fala sem ouvir o coração; de jornalistas da categoria de um Leonardo Arroyo, historiador e fino crítico literário, que vai certeiro aos pontos mais altos e mais fracos, fiel a si mesmo e às suas convicções; de um Fernando Góes, irreverente e motejador, rápido em apanhar o ridículo das coisas; de um Pericles da Silva Pinheiro, de um Brasil Bandecchi, de um Antonio D'Elia, cujos artigos e comentários já me habituei a ler com interesse e prazer, de um poeta da sensibilidade de Domingos Carvalho da Silva, e de um Rossini Camargo Guarnieri, de tanta vida e valor no pensamento e na ação; de Mario Ferri, ilustre diretor e da nobre Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a que tenho a honra de pertencer. Não me seria possível citar tantas outras manifestações de simpatia e solidariedade, que me chegaram em visitas pessoais e por mensagens de toda parte, de S. Paulo, do interior e de outros Estados, que sumamente me cativaram e constituíram uma consagração que gostaria de merecer.

Estava resolvido a considerar o incidente encerrado, depois da aprovação, por uma grande parte da Academia, da resolução do seu presi-

dente e da eleição do novo acadêmico para a cadeira n.º 35, quando dias após uma nova operação nos olhos, me foi comunicado o texto de uma carta do presidente ao meu caro amigo Dr. Julio de Mesquita Filho. Como, porém, nesse triste documento o presidente da Academia omitiu fatos e deturpou outros — certamente por uma lastimável falta de memória, sinto-me no dever de restabelecer a verdade dos fatos, para que se possa fazer um juízo exato da situação. Nada mais espero nem desejo. Mas a verdade é alguma coisa que deve estar acima de interesses e paixões, e é dever resguardá-la de todas as deturpações, a que poderiam arrastá-la a má fé e o mesquinho conluio que se armou, de fraquezas, vaidades e cumplicidades silenciosas. E' por isso que venho a público para restaurar na sua pureza e integridade. A demora deste depoimento provém exclusivamente da terceira operação de olhos a que fui submetido e que me condenou a mais de um mês de repouso absoluto. Eis os fatos, que procurei reconstituir com uma sinceridade radical, por amor à verdade e pelo respeito àqueles que acreditam em mim e me honraram com sua simpatia e solidariedade e aos quais me confesso profundamente reconhecido.

Em começos de julho de 1961 recebi um telefonema de Aristêo Seixas que não via há muitos anos e não sabia ou já não me lembrava ser o presidente da Academia Paulista de Letras. "V. está eleito para a Academia", anunciou-me. "Mas que Academia?", perguntei-lhe na minha surpresa. "Ora (respondeu-me), para a nossa Academia". Caindo em mim, declarei-lhe então que não era nem me doria a ser candidato. Replicou-me no tom categorico que lhe é peculiar: "Mas é nosso candidato. Só lhe pediria não recusasse a escolha que será certamente por unanimidade de votos". Minha resposta imediata foi que, "em tais condições, a recusa seria uma descortesia indesculpável". Não tive daí por diante mais notícias nem perguntei por elas. Em 31 de agosto, porém, dava-me o prazer de sua visita em nossa casa uma comissão de academicos da qual faziam parte Sérgio Buarque de Holanda, Aureliano Leite e José Geraldo Vieira, e que veio trazer-me a comunicação oficial de minha eleição para a cadeira n.º 35, ocupada anteriormente pelo meu saudoso amigo e colega Plínio Ayrosa. Na semana seguinte fui à casa do presidente para lhe agradecer o interesse que tomara, e manifestar-lhe meu desejo de uma visita à Academia, a fim de apresentar pessoalmente os agradecimentos pela minha eleição.

Na sessão ordinária dessa Academia, na ultima 5.a-feira (creio eu) de setembro cumpria o grato dever e anunciava ao presidente, que me acolhera com muita cordialidade, já ter escrito meu discurso de posse. A noticia o surpreendeu: "Extraordinário! Já com o discurso pronto!" alguns dias depois submetia eu ao presidente, em sua residência, o discurso que escrevera e ele ouviu atentamente interrompendo-me varias vezes com palavras de louvor e exaltação. A certa altura, porém, o presidente, com espanto para mim, saltou da cadeira e, de dedo em riste, visivelmente irritado, trovejou: "Vou renunciar à presidência da Academia. Não percebi logo a razão de tão inesperada atitude. Perguntei-lhe, aturdido, o que acontecera. Repetindo-me aquelas palavras a que deu ainda maior ênfase, acrescentou: "Enquanto eu estiver na presidência, não entra mulher lá dentro". Compreendi então: acabava de ler a pagina em que, prestando homenagem às escritoras e poetisas, notava a falta que nos fazia a ausencia delas. Anuindo à sua vontade e para evitar tão lamentável renuncia, resolvi retirar a pagina, asperamente censurada, voltando à sua casa outro dia (que paciência, a minha!), para o ler novamente em sua redação final. Foi esse, o primeiro incidente que o deixou prevenido contra o futuro... academico e suas idéias. Vieram logo outros, de não menor comicidade.

Rolaram, depois disso, quinze dias de silêncio, para que o presidente se animasse a telefonar-me de novo. Para alguma noticia sobre a data da posse? Não. Foi para me declarar que, havendo lido e relido o discurso, tivera o desprazer de nele encontrar numerosos erros de acentuação e um grave erro de português. Apesar do desprimor da observação, conseqüei ainda dessa vez ouvi-lo pacientemente. Era o presidente de uma Academia que me falava. Quanto aos acentos, respondi-lhe que costumava confiar esses serios problemas aos cuidados de minha dactilografa e à revisão de provas de meus livros, e, a propósito, contei-lhe a conhecida historia de Monteiro Lobato que, solicitado a rever a acentuação de "Urupês", devolveu as provas à revisão de sua casa editora com essas palavras: "A' revisão, para distribuir pelo livro, como entender, essas C... de mosquito". Pareceu-me que fui imprudente. O meu interlocutor resmungou varias vezes, como que ofendido na sua gravidade academica. As coisas agravam-se, como se vê. E quanto ao erro de português que tanto o chocara, pedi-lhe que o apontasse. Não demorou a fazê-lo. Devia estar com a copia do discurso nas mãos. "A' página tal, linha tal, v.

escreveu: tem vindo. Usa v. o gerundio do verbo vir como particípio passado". A essa altura perdi a paciência e disse-lhe: "Nesse caso, meu caro presidente, o erro não é meu, é seu: gerundio e particípio passado desse verbo tem a mesma forma". Ao que ele respondeu, desconcertado: "Vou consultar os meus dicionários". A consulta devia ter sido longa e penosa. E, o que é pior, desenganadora. Senti que minha sorte estava selada. O presidente, na sua imensa vaidade, não se conformaria facilmente em ser apanhado em erro de ginasiano.

Tendo-se prolongado por mais de duas semanas o silêncio em que afundou nessa pesquisa gramatical e desejando eu saber o dia de minha posse para eu poder marcar o de minha operação (viagem ao Japão, no seu entender?), fiz o ultimo esforço e tomei a iniciativa de um telefonema. Solicitava-lhe a gentileza de me informar se já havia assentado a data de minha posse. A resposta que me deu, extremamente grosseira, foi uma serie de destemperos. "Para que tanta pressa (ronca de lá) se v. nunca se interessou pela Academia? Tem muito tempo para isso. Já tive contrariedades e aborrecimentos demais por sua causa". Disse-lhe então que lamentava sinceramente estar dando contrariedades tantas e tamanhas (quais seriam elas?) a quem fôra o promotor de minha eleição e que seria o caso de renunciar para lhe poupar novos aborrecimentos. O presidente explodiu, traduzindo talvez o seu profundo desejo de não me ter na Academia: "Pois renuncie". Nunca apresentei, porém, minha renuncia nem podia renunciar em face da brutal reação, pela qual não era responsável a Academia, e cujos motivos se tornaram evidentes: a pagina que tanto o havia irritado, em meu discurso, a minha resposta sobre a questão dos acentos e a anedota de Monteiro Lobato, e, afinal, o lamentável cochilo do poeta com veleidades gramaticais. Preferia que o erro tivesse sido meu e daria, gracejando, as mãos à palmatoria. Não era, certamente, o primeiro, nem seria o ultimo.

Tal, o depoimento que me cumpria prestar, quebrando o silêncio que vinha mantendo nesse melancolico episodio em que me vi envolvido a contragosto. Todos sabem do meu amor aos estudos, ao recolhimento e mesmo à solidão, numa vida de trabalho sem descanso e sem ambições.

Fernando de Azevedo.

Artigo ref. à crise na Academia Paulista de Letras